

**MARIA
CRISTINA
FERNANDES**

Eleição Presidencial



Cedo para disputar e tarde para reagir

Ponha-se num prato Serra e Roseana e noutro, Lula, Ciro e Itamar. Aprume-se. Dá 15% para um e 60% para o outro. Troquem-se os combatentes. Na defesa, alinhem-se Tasso Jereissati, Paulo Renato, Malan, Jaime Lerner ou Antonio Carlos Magalhães. No ataque experimentem-se Simon, Garotinho ou Suplicy. Dá no mesmo. O sociólogo Marcos Coimbra, diretor do Vox Populi, já fez todas as combinações possíveis e chega sempre à mesma constatação: a oposição hoje tem um arsenal quatro vezes superior aos dos aliados do governo.

É cedo para supor que este quadro antecipa 2002? Talvez. A rigor, faltam 22 meses para o primeiro turno da eleição presidencial. Mas o calendário da política não é o gregoriano. Daqui a dois meses tem a disputa pelo comando do Congresso e, em seguida, a reforma ministerial que acomodará o quinhão de perdedores e vitoriosos. A partir daí, goste-se ou não da idéia, o noticiário vai tratar de sucessão dia sim o outro também.

Coimbra usa as três últimas eleições presidenciais para argumentar por que esta eleição está mais previsível. Começa pela de 1989. As chances de surgir um nada de lugar algum, como Collor emergiu de Alagoas, são mínimas. A principal razão é de que não há mais eleição solteira como aquela. O postulante a franco atirador agora tem que ter candidatos fortes nos Estados e puxadores de voto nas disputas à Câmara e ao Senado.

A de 1994, argumenta, foi definida em julho, com a implantação do Real. A de 1998 foi o voto de confiança na estabilidade econômica. Fechadas as urnas, Coimbra já dizia que aquela tinha sido a última eleição do Real. A próxima já exigiria uma nova agenda. Continua pensando do mesmo jeito. Assim como três meses foram suficientes para fazer do Plano Real o esteio de uma candidatura, quatro anos bastaram para consolidar o apego do brasileiro à estabilidade. O mandato seguinte poderia ter sido usado para tocar esta agenda costumeiramente resumida em dois pontos: desenvolvimento e dívida social.

A sucessão de 2002 é, de todas, a mais previsível

Restou o ano de 2001, que, além de curto para cumpri-la, ficou ensombreado pela desaceleração da economia mundial. Um candidato do governo, para Coimbra, teria tantas chances quanto mais distante parecer do Planalto. Daí porque Tasso, na sua avaliação, é o governista melhor posicionado. Nunca assumiu cargo em Brasília e pode arriscar um 'daqui pra frente tudo vai ser diferente'. Tem ainda a cantilena de Tasso excluir Ciro da disputa e acabar com o pesadelo de um segundo turno entre dois candidatos de oposição. Em junho deste ano, Ciro Gomes foi categórico ao repórter Cesar Felício, do **Valor**: "Se Tasso for candidato, renuncio à minha candidatura". Em entrevista aos repórteres Suely Caldas e Wilson Tosta, de "O Estado de S. Paulo", na quarta-feira, Ciro já amenizou: "Ele (Tasso) avaliará e vai me ponderar suas razões. Estou permeável a elas. Posso antagonizá-las, discuti-las, e dali sair candidato ainda assim".

Se a franqueza de Ciro for aumentando à medida em que se aproxima a eleição presidencial, há expectativa de grandes revelações até 2002. Nesta entrevista ele tem o mérito de explicar por que o PT e ACM, por razões opostas, querem Tasso candidato. Os petistas porque acreditam que Tasso o excluiria. E ACM porque Tasso marginalizaria o PMDB. No Ceará, ao contrário do que acontece em São Paulo, os pemedebistas ainda são os principais adversários dos tucanos.

Ciro ainda se empenha em demonstrar admiração por Armínio Fraga: "Dada a premissa da adesão passiva ao bom-mocismo diante da banca internacional, ninguém é melhor que o Armínio. Até hoje nunca vi. Brilhante. Brilhante". O ex-ministro sabe que o jogo tem grandes chances de ser jogado dentro do prato em que Coimbra colocou os candidatos de oposição. Sabe também que, para enfrentar o PT, precisa do apoio do lado de lá, que também admira Armínio Fraga. Sugere que o PT vai "amaldiçoar" o FMI, enquanto ele tem a "satisfação" de concordar com Fraga quanto ao alongamento da dívida.

O PT já deflagrou seu debate interno para a sucessão de 2002; Ciro fala como se o fracasso do PPS na disputa municipal não fosse com ele; e Itamar, por desvairado que possa ser acusado, consegue rejeitar um partido e ainda ser cortejado pelo presidente da sigla como aliança possível em 2002. São projetos que pouco têm em comum a não ser a clarividência de saber que o jogo já começou. No outro prato, onde se regateia emenda para aprovar o salário-mínimo, mal se percebe que a guerra de dossiês que ocupa a Corte diz pouco, ou quase nada, para o público pagante.

**Maria Cristina Fernandes é editora de Política.
Escreve às sextas-feiras
E-mail mcristina.fernandes@valor.com.br**